

# CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL, MUDANÇAS NO MUNDO DO TRABALHO E SUAS MEDIAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Vilmar José Both<sup>1</sup>

---

## RESUMO

Esse artigo trata das mudanças no mundo do trabalho a partir da crise da década de 1970 e de suas mediações na Educação Física. Apresentamos, portanto, elementos de estudos e de pesquisa realizada no campo empírico que demonstram as condições de trabalho e formação a que estão submetidos os professores da área diante das novas demandas do capital. Finalizamos, demonstrando o caráter de adaptação às necessidades do capital que a formação profissional da área vem promovendo e apontamos para uma formação com base num viés crítico ao modo de produção capitalista e a necessidade de superação do mesmo.

**Palavras-chave:** Mundo do trabalho. Educação Física. Crise do capital.

---

## Introdução

No atual contexto em que as consequências da crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2009) se tornam evidentes em espaços de tempo cada vez mais curtos, cabe à

Educação Física analisar as implicações desta crise, bem como dos processos de reestruturação que ocorre no modelo produtivo e na dinâmica do Estado, para a área. Nesse sentido, é a apresentação de elementos que venham a demonstrar quais

---

1 Mestre em educação Física pela ESEF-UFPeL. Professor de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Contato: vilmarboth@yahoo.com.br

as implicações, para o trabalho da Educação Física, da crise estrutural do capital e, mais especificamente, da crise que se instaurou em nossa sociedade nos anos 1970 que dá a linha para a exposição deste artigo. Cabe ressaltar que os elementos aqui apresentados são sínteses da pesquisa que desenvolvemos em nosso estudo de mestrado<sup>2</sup>.

Para analisarmos as mediações das mudanças no mundo do trabalho na Educação Física, entendemos ser necessário, antes de tudo, apresentar qual a dinâmica que o capital vem adotando, de modo geral, para tentar manter sua hegemonia diante da crise estrutural em que está mergulhado.

Alguns elementos das alternativas que o capital adota para manter a sua estrutura são facilmente perceptíveis. A ampliação do número de trabalhadores que se encontram na situação de desemprego ou subemprego, forjando os trabalhadores que se mantêm empregados a aceitarem condições de trabalho nas quais se amplia a exploração da força de trabalho é um exemplo que pode ser ilustrado. Esse dado, por si só, já demonstra que tal modo de produção não

propicia condições de vida dignas para a maior parte da população. Mas, para compreendemos com maior profundidade os motivos que conduzem o capital a tomar tais medidas diante de sua crise, faz-se necessário analisar qual a lógica adotada por este sistema para manter a sua estrutura dominante.

De maneira sintética, essa lógica é a de exploração do homem pelo homem, na qual a classe dominante é detentora dos meios de produção e, em consequência, se apropria privadamente do resultado da produção realizada por outra classe, a trabalhadora que possui como única forma de sobrevivência a venda de sua força de trabalho. Como coloca Antunes (2004, s.p), “os trabalhadores produzem riqueza, aumentam a produção de bens, mas não podem consumi-los. Desenvolvem novas riquezas, mas são relegados à formação de um exército de reserva ou vivem as mazelas do trabalho precário”.

Como é possível perceber, este é um tema bastante complexo, pois as mudanças no mundo do trabalho são constantes, embora se aprofundem a cada período de crise do capitalismo, através das reestruturações nos modelos produtivos e

---

2 Dissertação de mestrado defendido em Abril de 2009 no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Fernando Camargo Veronez, intitulado: “Mudanças no mundo do trabalho e suas mediações na Educação Física”.

do papel do Estado, de maneira que o sistema vigente consiga manter-se hegemônico.

Assim, para evitar equívocos na análise do mundo do trabalho, bem como, para que o leitor deste artigo compreenda melhor nossa discussão acerca do mesmo e das mediações que as mudanças deste mantêm com a Educação Física, faremos a seguir algumas considerações sobre a categoria trabalho, visto que esta categoria é a base de todo o debate que aqui apresentamos.

Essa análise sobre o trabalho será realizada no marco da luta de classes, pois como já expuseram Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista*, escrito em 1848, “a história de todas as sociedades que existiram até hoje é a história de luta de classes” (2003, p. 45). Por esse motivo, entendemos ser possível a compreensão das relações que envolvem o conceito trabalho somente através de uma análise que considere este marco.

Não faremos aqui uma análise histórica do trabalho, haja vista que não é esse o nosso objetivo. Buscaremos sim demonstrar que na sociedade capitalista o trabalho se constitui em uma dupla dimensão, pois essa compreensão é de grande relevância no sentido

de que será o fio condutor que dará sustentação às perspectivas que apontamos na conclusão.

## **Algumas considerações acerca da relação trabalho-capital**

Para Marx (1989), o trabalho, antes de qualquer coisa e independente da formação social a que está submetido, é indispensável para a existência humana. É através dele que o homem realiza o intercâmbio material com a natureza, ou seja, é através do trabalho que se torna possível manter a humanidade, na medida em que ele é visto como um conjunto de atividades intelectuais e manuais, organizado pela espécie humana e aplicado sobre a natureza, visando assegurar sua subsistência.

É por esse motivo que, na perspectiva marxista, o trabalho se constitui em uma categoria de grande importância, de tal modo que Engels (2004) ressalta o imprescindível papel do mesmo na constituição do homem. Segundo esse autor, o trabalho é a condição *sine qua non* de toda a vida humana, de modo que, até certo ponto é possível afirmar que ele criou o próprio homem<sup>3</sup>.

3 Tese sustentada por Engels no seu belo texto intitulado: “Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem”, escrito em 1876.

Podemos dizer então que é por meio do trabalho, nesta dimensão de trabalho útil, concreto, que o homem domina as forças da natureza, e por meio dele satisfaz as suas necessidades vitais básicas, exteriorizando nele a sua capacidade criadora, ou seja, é pelo trabalho que o homem objetiva suas aspirações.

No entanto, na concepção marxista, se por um lado o trabalho possui essa característica de ser o responsável pelo intercâmbio do homem com a natureza, independente do modo de produção vigente – nesta perspectiva denominado de trabalho concreto, produtor de valor-de-uso – por outro, assume características específicas em cada modo de produção que a humanidade perpassa.

Na sociedade regida pela lógica do capital, o trabalho assume, também, a dimensão de trabalho abstrato – produtor de mercadoria e valor. Esse processo inicia quando ocorre a concentração dos meios de produção em grandes oficinas pertencentes a um capitalista, transformando os mesmos, que antes eram individuais, em meios de produção sociais, gerando também produtos sociais, que, no entanto, são apropriados de forma individual (privada).

Vale ressaltar que, o trabalho útil ou concreto e o trabalho

abstrato são uma mesma atividade considerada em seus diferentes aspectos, isso porque, como já colocamos anteriormente, o trabalho abstrato é uma abstração social bem específica da organização social capitalista, produtora de mercadoria. Assim, “a mercadoria assume valor-de-uso por satisfazer alguma necessidade humana e adquire também um valor-de-troca, pelo fato de obter por seu intermédio, outra mercadoria que serve como valor-de-uso” (TAFFAREL, 1993, p. 52).

Em nossa sociedade o valor de uma mercadoria é dado pela quantidade de trabalho abstrato despendido para a fabricação de determinado produto, ou seja, pelo trabalho socialmente necessário para a produção de um valor de uso qualquer, em condições de produção normais e com grau social médio de destreza e intensidade de trabalho (MARX, 1989).

Essa dupla dimensão do trabalho é necessária para a manutenção deste modo de produção, visto que vivemos em uma sociedade produtora de mercadorias, e para que seja possível realizar a troca entre estas, é necessário que se tenha um elemento que esteja inserido em todas elas. Este elemento é o trabalho em sua dimensão abstrata. Para se medir o valor agregado à mercadoria para a troca, é necessário medir a quantidade de

trabalho contida nesta. Em outros termos, o valor de determinada mercadoria é dado pelo tempo de trabalho socialmente necessário à produção da mesma. Nas palavras de Marx (1989, p. 51) “o valor da mercadoria, porém, representa trabalho humano simples, dispêndio de trabalho humano em geral”.

Com essa característica, o trabalho deixa de ser uma atividade que faz parte da vida, para tornar-se o meio de ganhar a vida, pois o homem não possui mais sua integridade, não produz o que consome e não consome o que produz. Passa então a ser trabalho estranhado, abstrato, produtor de valor de troca, mercadoria (ANTUNES, 2005).

Isso demonstra que a cisão fundamental entre classe trabalhadora e burguesia é intrínseca ao modo de produção capitalista, visto que o lucro do capitalista somente ocorre através da exploração da força de trabalho do trabalhador. Portanto, é por ser uma realidade concreta e não um dogma, que nossa análise é realizada no marco da luta de classes.

É também nesse marco, a partir da necessidade do capital recompor suas taxas de lucro, que ocorrem as mudanças no mundo do trabalho, o qual vem assumindo características complexas, de tal maneira que conduzem a diferentes interpretações, por vezes contraditórias, chegando mesmo a questionar

a importância da categoria trabalho para a compreensão das relações sociais na atualidade.

## **Mudanças no mundo do trabalho e no trabalho da educação física**

As atuais mudanças no mundo do trabalho vêm ampliando o denominado desemprego estrutural, haja vista que ocasionam uma diminuição do emprego estável e assalariado, ampliação do desemprego e do trabalho precário. Ou seja, um número crescente de trabalhadores é levado a sobreviver trabalhando na economia informal, sem direitos trabalhistas, ou ainda, a desenvolver trabalhos com contratos temporários, sem garantia de que no dia seguinte continuarão atuando em tais postos.

Frigotto (2001) alerta para esta crescente subsunção do trabalho ao capital, onde este último, centrado no monopólio crescente das novas tecnologias microeletrônicas associadas à informática, rompe com as fronteiras nacionais e globaliza-se de forma violenta e excludente, sem precedentes. Essa incorporação das tecnologias microeletrônicas no processo produtivo permite o crescimento da produtividade ao mesmo tempo em que diminui os postos de trabalho, ocasionando aumento de desempregados e subempregados,

o que significa aumento da miséria, da fome e da barbárie social.

Assim, a lógica do capital vai elevando a sua estrutura, o seu sistema, a níveis cada vez mais totalizantes, à qual se subjugam “desde as menores unidades do seu ‘microcosmo’ até as maiores empresas transnacionais, desde as mais íntimas relações pessoais até os mais complexos processos de tomada de decisão no âmbito dos monopólios industriais” (ANTUNES, 2005, p. 25).

Diante disso, a Educação Física, sendo uma manifestação da cultura humana inserida nessa formação econômica e social, também sofre influência da lógica do capital e da reestruturação produtiva imposta por este, ocorrendo com isso, mudanças no seu trabalho.

A Educação Física, entendida como um elemento particular, não está desconexa das relações sociais, pois a mesma, apesar de possuir singularidades no que se refere ao seu trabalho, possui também relação com o trabalho em geral, e, dessa forma, também é influenciada pelas mudanças que vêm ocorrendo no mundo do trabalho nas últimas décadas.

Já existem estudos que apontam para essa relação, no que se refere às mudanças no mundo do trabalho em geral, e, às mudanças no trabalho da Educação Física de

modo particular, dentre os quais merece destaque, pela riqueza de relações que apresenta, o estudo de Nozaki (2004) onde o autor demonstra que diante das novas necessidades de formação do trabalhador colocadas pela classe dominante ao campo educacional através das demandas apresentadas pela reestruturação produtiva, a Educação Física perde na escola, de forma imediata, a centralidade que teve no projeto pedagógico dominante em outros períodos históricos no Brasil.

Além disso, o autor resalta que, se por um lado, para o projeto educacional dominante que busca a formação de um “trabalhador polivalente, com capacidade de abstração, raciocínio lógico (...)” (NOZAKI, 2004, p. 07), a Educação Física perde sua centralidade, por outro, ainda com relação às próprias mudanças no mundo do trabalho, ela mesma assume a posição de trabalho precário, ampliando cada vez mais sua atuação em um campo onde não há direitos trabalhistas, ou seja, adentrando cada vez mais no setor de serviços, de trabalho por conta própria.

Entendemos não ser por coincidência que, exatamente neste momento em que a Educação Física amplia sua atuação no espaço não-escolar, a mesma passe por um processo de reestruturação curricular, onde temos como desfecho

a formação de “bacharéis” que atuarão de forma específica em tal esfera. Por esse motivo chamamos atenção para este processo, pois entendemos que o mesmo se constitui numa importante mediação entre a Educação Física e as novas necessidades do mundo do trabalho.

Para melhor sustentarmos tais apontamentos, trataremos alguns elementos apropriados a partir de dados empíricos coletados na prática do trabalho da Educação Física no município de Pelotas-RS.

### **Alguns elementos empíricos das mediações das mudanças no mundo do trabalho na educação física**

Apresentamos e discutimos aqui alguns dados coletados através de entrevistas semi-estruturadas, com o objetivo de aprofundarmos a análise de como vem se dando as mediações das atuais mudanças no mundo do trabalho na Educação Física, a partir de dados do plano empírico. Conseguimos perceber através da análise destes dados, que o plano empírico vem a confirmar proposições levantadas em estudos anteriores e na própria análise mais geral que realizamos anteriormente.

Um dos elementos que encontramos neste plano foi a perda

da centralidade da Educação Física, sob o ponto de vista imediato, no projeto pedagógico dominante e utilização desta como diferencial na escola particular. O que foi relatado por uma professora que trabalha na escola pública e já trabalhou em escola particular.

[...] também o problema assim de aumentar a carga-horária da matemática, eu acho que tirou uma da EF, se bota uma outra, tira! Aí, se tu não brigar por esse seu espaço aí, tiram e deixam uma [aula] só! (Ent. 08).

Se é possível observar nas entrevistas essa perda de centralidade do ponto de vista imediato, também é verdade que foi explicitado o caráter da Educação Física como um diferencial nas escolas particulares. Isso fica evidente quando a Ent. 02, que já atuou naquele espaço, diz:

eu trabalhei em escola particular, onde não tinha em quantidade, mas eu tinha em qualidade, porque eu conseguia conversar diretamente com a direção da escola e eu acho que eu tinha um poder de persuasão maior ali em termos de, eu justificava e conseguia, e também porque *o olhar da escola particular em relação a questão esporte, a questão da Educação Física, né, o olhar deles é diferenciado,*

*porque a gente é, a gente se torna uma vitrine, é a atração* (Ent. 02, grifo nosso).

Essa perspectiva de Educação Física como vitrine, que é exposta acima pela Ent. 02, refere-se ao que as escolas particulares oferecem como vivências em categorias esportivas, com amplas estruturas, com o intuito de fazer *merchandising* da escola. Do ponto de vista da atração de alunos e da prática de atividades físicas, possivelmente essas características das escolas particulares consigam grandes êxitos. No entanto, se analisarmos do ponto de vista pedagógico, essas vivências são práticas desportivas, realizadas através de projetos desvinculadas de um projeto de formação, ou seja, não se considera a importância da disciplina Educação Física, como uma particularidade da cultura humana que deve ser apropriada pelos estudantes através dos diversos conteúdos que trata.

Também foi possível apreender aspectos das consequências das políticas neoliberais para a educação em geral e para a Educação Física, visto que na escola, esta é uma singularidade daquela. Essas políticas neoliberais, conforme já relatamos anteriormente, são táticas do capital para se manter hegemônico diante da crise dos anos 70 do século XX. Alguns impactos dessas

políticas podem ser observadas nos relatos dos entrevistados:

Apesar do Governo discordar na questão de enturmação que a gente teve no ano passado e, teve multiseriação que é uma decisão de colocar duas turmas, duas séries diferentes na mesma sala de aula, e dividir, sabe, eu acho isso totalmente descabido, um desrespeito com o teu trabalho enquanto professor, é um desrespeito com o aluno (Ent. 02). A situação está um horror, caos total [...]. É a educação deles lá de cima. É o governo, com suas exigências por índice de aprovação, sem saber o que interessa, se o aluno sabe ou não sabe, o que leva, isso aí já leva um monte de prejuízos na aprendizagem, né [...]. Pelo menos no bairro onde eu trabalhava era um horror (Ent. 06).

O que se percebe, diante disso, é uma maior precarização do trabalho docente nas escolas, com o objetivo de atingir índices, os quais são cobrados pelos organismos internacionais para que estes liberem recursos. Esses organismos, como o FMI e o BM que estão a serviço das necessidades do capital, entendem que a Educação é importante como alívio da pobreza nos países dependentes. Portanto, não se deve desperdiçar recursos com a educação. É com

base nesse ideário que ocorrem as enturmações, multisseriações, material e infra-estrutura precárias, baixos salários dos trabalhadores em educação, etc.

Também são consequências desta política de enxugamento dos gastos do Estado, os baixos salários dos professores, que a cada ano possuem menos poder aquisitivo com seus salários. Isso pode ser percebido, no plano empírico, quando a Ent. 02, professora da rede estadual de ensino, afirma receber um pouco mais de um salário mínimo por mês, para 20 horas semanais, equivalente a R\$ 415,00, em novembro de 2008.

### *O espaço não-escolar*

Em se tratando da área não-escolar, esta se apresenta como um espaço de precarização do trabalho, especialmente no que se refere aos direitos trabalhistas, mas também no referente a salários e condições de trabalho. Nas entrevistas que realizamos com os professores que ali trabalham, observamos, em primeiro lugar, que dos cinco formados, apenas um não trabalha em mais de um local. Os outros quatro atuam em dois diferentes locais (um deles trabalha num só lugar, mas com dois diferentes vínculos – um com carteira assinada e outro como prestador de serviços).

Isso corrobora com a tese que abordamos anteriormente, de que as competências que vêm sendo exigidas atualmente na formação são determinadas pelas e para as necessidades de adaptação ao mercado do trabalho. Os imperativos aos quais nos referimos são, dentre outros, os que apareceram nas entrevistas, quando os trabalhadores, para sobreviverem, precisam trabalhar nos mais diferentes campos.

Não questionamos aqui a possibilidade de o trabalhador atuar em diferentes áreas. O que questionamos é o caráter deste trabalho em diferentes contextos, que é meramente técnico, onde, em se tratando da Educação Física, o professor não compreende as determinações que envolvem os próprios conteúdos da cultura corporal nesses espaços, ou seja, uma atuação que vem a atender as necessidades de flexibilização e polivalência apresentadas pelo toyotismo, com o objetivo de manutenção da hegemonia do capital.

Esse caráter pode ser mais facilmente compreendido quando apresentamos algumas falas dos entrevistados:

comecei com a natação, agora a hidrogenástica [...] musculação [...]. Tenho o bar desde Fevereiro (Ent. 06). [aqui tenho] mil e uma utilidades. Oh, recepção, musculação, professora de ginástica,

e vai (Ent. 05). Eu trabalho com a musculação, como orientadora, e com ginástica aeróbica e localizada. E no verão eu substituo os professores que estão de férias na hidrogenástica [...]. [Na outra instituição] eu atuo como *personal trainer* nas duas áreas: aeróbica e musculação. Aeróbica eu posso dar uma aula de aeróbica, *jump*, *step*, ou só acompanhar o alunos na esteira, e na parte muscular também (Ent. 03).

Além da polivalência acima apontada, é necessário também abordarmos as condições de trabalho nesses espaços. Uma boa parcela dos professores que foram entrevistados (4 dos 5 professores que atuam nesta área) possuem carteira assinada, vínculo empregatício, ou pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), ou, como é o caso de uma professora que é concursada pelo município de Pelotas, por meio de regime estatutário. Isso pode ser observado quando questionados sobre a função que exercem e a forma de vínculo, onde os mesmos respondem:

na musculação trabalho como empregado [...] é com carteira assinada (Ent. 06). Sou professor da natação e técnico de natação [...]. Eu sou contratado. Tenho contrato, carteira assinada (Ent.

07). Sou diretor-geral, diretor técnico, como eles chamam [...]. Tenho vínculo empregatício, tenho carteira assinada (Ent. 09).

Em uma primeira análise, superficial, parece que a área não-escolar da Educação Física possui uma boa regulamentação do trabalho. No entanto, ao analisarmos de maneira mais minuciosa as entrevistas, veremos que os professores que possuem carteira assinada, ou são os funcionários que administram a instituição como é caso do Ent. 09, ou são professores que já atuam a longos anos na Instituição, como   o caso do Ent. 06, que está naquela instituição desde 1987, e do Ent. 08 que também trabalha desde 1987 na instituição que lhe assina carteira.

Buscando ainda um número maior de determinações relativas ao espaço não-escolar, surgem alguns relatos que demonstram o processo de desregulamentação do trabalho, nos poucos locais onde o mesmo ainda existe minimamente, como   o caso dos clubes.   possível fazermos tal afirmativa, porque como o próprio Ent. 08, que atua num clube de Pelotas coloca:

agora eles estão entrando com uma área aqui no Clube mesmo, com terceirizados [...] estão tentando ampliar a área de terceirizados.

Seguindo nesta análise da subcontratação de trabalho, o Ent. 06, embora possua vínculo com carteira assinada na instituição, na área da musculação, há pouco tempo começou a atuar na Hidroginástica e na Natação, nesta mesma instituição, e ali, como coloca ele,

É por fora da carteira. Não tenho direito a férias, quer dizer, tenho férias, mas não remuneradas.

Essa instituição, que também é um clube, passa a subcontratar através da prestação de serviç os em alguns de seus espaç os, o que indica que não é o caso isolado de um clube, mas sim um movimento de terceirização dos serviç os prestados nestes, seguindo a mesma linha de terceirização de serviç os que ocorre nas demais empresas diante da reestruturação produtiva.

Também, a Ent. 10, embora tenha vínculo estatutário no município de Pelotas, para complementar o salário atua como *personal trainer*, o que também   uma prestação de serviç os, um trabalho informal. Já a Ent. 01, no que concerne à Educação Física, atua somente no trabalho informal, trabalhando por intermédio de um projeto em uma instituição, com Ginástica Laboral. Nessa instituição, ela possui contrato de prestação de serviç os, e o projeto acima referido é, segundo a mesma,

um projeto piloto, [por isso] eu não sei se a gente vai ficar, se vai continuar no ano que vem (Ent. 01).

A fala da entrevistada acima relata uma grande inseguranç a que acompanha quem é forçado a trabalhar nos espaç os de trabalho precarizado, informal: a constante possibilidade de, no dia seguinte, simplesmente ter seu contrato de prestação de serviç os rescindido, e assim, não ter a possibilidade de sequer vender sua forç a de trabalho para sobreviver.

Portanto, em se tratando do trabalho da Educação Física na área não-escolar, podemos dizer então que, se em uma análise superficial o mesmo parece ter uma boa regulamentação, através de uma investigação mais aprofundada, buscando apreender as múltiplas determinações que envolvem tal espaç o, percebemos que predomina ali o trabalho informal, precário e com poucos direitos ao trabalhador. Isso já havia sido apontado por estudos que apresentamos anteriormente. Entretanto, aqui, no tratamento dos dados empíricos coletados através das entrevistas, estes vêm ratificando tal apontamento. Nesse sentido, cabe ainda discutirmos a posição que vem sendo ocupada pelos estagiários nesses locais de atuação do professor de Educação Física.

Das três estagiárias entrevistadas, somente uma possui algum tipo de contrato firmado, no caso, através do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE). As outras duas prestam serviço sem qualquer tipo de contrato. Ocorre, portanto a contratação de trabalhadores em formação sem nenhum vínculo, objetivando não onerar tais instituições com os encargos trabalhistas que teriam que arcar se contratassem professores formados, a menos, é claro, que contratassem um serviço terceirizado, como colocamos anteriormente, forma de contratação que vem se ampliando nos últimos anos. Porém, mesmo que contratassem serviços terceirizados, teriam que pagar salários mais elevados que aos estagiários, pois como podemos ver nas falas dos entrevistados, a seguir, estes percebem um valor muito inferior ao recebido pelos professores já formados.

Quando questionados sobre quanto recebiam de “ajuda de custo” ou bolsa, os estagiários afirmaram:

Na ginástica e na musculação R\$ 4,00 e na hidro R\$ 5,00 (Ent. 03). Eles pagam geralmente R\$ 4,00 a hora. Quer dizer, geralmente não, é R\$ 4,00 a hora (Ent. 04). Eu recebo assim, oh: o acerto foi de 3 horas por dia,

de segunda a sexta – R\$ 180,00 por mês, mais percentual de alunos na musculação: 5% de cada matrícula da musculação (Ent. 05).

Em se tratando de professores formados que atuam na área não-escolar, quando questionados sobre o salário, os mesmos afirmam:

Varia muito, nesses meses de janeiro e fevereiro são os piores, mas fora esses meses atípicos, gira em torno de R\$ 1400,00 a R\$ 1600,00 [para um tempo de trabalho] de 50 horas por semana, para mais (Ent. 09). [recebo] de R\$ 25,00 a R\$ 30,00 por hora-aula (Ent. 01). Dá três salários mínimos [...] para 20 horas semanais (Ent. 10).

Em resposta a pergunta sobre o número de estagiários e professores que atuam na instituição onde trabalham, obtivemos as seguintes respostas:

Na área da musculação são dois professores formados e são 4 estagiários [e na hidroginástica e natação] tem dois estagiários na área da Educação Física, contando que um [...] é o mesmo que atua na natação e também na musculação (Ent. 03). Estagiários têm quatro comigo, e dois professores (Ent. 05). Tem dois

professores formados e quatro estagiários (Ent. 04). Da Educação Física são cinco [para um professor] (Ent. 09).

Como bem podemos observar, há nas instituições acima, no mínimo, um percentual de 200% a mais de estagiários em relação ao número de professores. Pois bem, se compararmos esse número, superior, com o salário bastante inferior de um estagiário fica claro que essa é mais uma tática de ampliação do lucro dos donos das academias, ou ainda, a maneira encontrada por trabalhadores que abrem seus próprios estabelecimentos para conseguirem se manter no mercado, através da precarização do trabalho na área.

Nessa linha, segue abaixo uma análise interessante feita pela Ent. 03 acerca deste fato. Quando questionada sobre como avalia a área de atuação do bacharel em Educação Física nos dias de hoje, a mesma afirma:

São poucos os professores formados, e os que estão formados acabam abrindo a própria academia, porque não tem espaço, aqui em Pelotas eu digo isso, porque é o dono da academia e dez estagiários, e sem controle nenhum. Essa atuação, eu não sei como é essas turmas novas que entraram, mas está assim,

eu já presenciei em várias academias: tu tens um dono, para dizer que tem um profissional ali, e o restante é estagiário, porque ali ele pode explorar. E aí o que acontece com esse pessoal: vão ter que abrir academia, e Pelotas já está saturada de academia, e aí os preços da academia vão ter que ser baixos e ele não vai ter remuneração para conseguir sustentar, e ele não vai ter dinheiro para pagar o estagiário, nem para pagar o estagiário, imagina um funcionário! Aí, o que vai acontecer? Acontece o que já acontece aqui: entra no primeiro semestre se sujeita a trabalhar de graça!

Diante dos dados acima apresentados, cabe questionar aos que entendem ser o espaço não-escolar o futuro promissor da Educação Física, por ser um suposto mercado em expansão: essa expansão ocorre sob que circunstâncias? Será um avanço para nossa área crescer, se expandir, tendo como base a precarização do trabalho, o aumento da exploração do trabalhador da Educação Física? Percebemos no discurso desses indivíduos a mesma linha de pensamento defendida pelos neoliberais: da culpabilização do indivíduo. O trabalhador deve se qualificar para se “encaixar” num mercado que não tem espaço para todos. Isso nos remete novamente

à fala da Ent. 03 e do Ent. 08, que colocamos acima: diante dos fatos, com o constante aumento do número de professores formados e, conseqüentemente, aumento do exército de reserva de nossa área, a qualificação basta para garantir um emprego, ou o desemprego é um problema estrutural do modo de produção capitalista?

*A formação na Educação Física diante das novas demandas do mundo do trabalho*

Iniciamos a discussão dos dados relativos à formação partindo das respostas que obtivemos para o questionamento sobre a fragmentação da formação em Educação Física nos cursos de bacharelado e licenciatura. Das três estagiárias entrevistadas, todas elas discordam dessa fragmentação. Além das estagiárias, também uma entrevistada, que já é professora formada, expressou discordância com tal fragmentação, embora não tenha sido realizada tal pergunta para a mesma (Ent. 10). Ora, se os professores e estudantes não concordam com a fragmentação, porque criam dois cursos com a mesma formação, ao invés de pautarem essa discussão nos fóruns e entidades científicas, lutando assim pela superação desta fragmentação?

Essa formação atende aos interesses do Conselho Federal de

Educação Física (CONFEF), que é uma estrutura avançada do capital. Este conselho, não satisfeito em colocar trabalhador contra trabalhador, agora faz o mesmo com os estudantes, visto que constantemente vêm ocorrendo discussões e embates entre os que buscam defender determinada área como sendo exclusivamente sua. Assim, a Educação Física acaba se tornando uma área em permanente disputa entre trabalhadores onde quem sai ganhando é o capital pela fragmentação da classe trabalhadora.

Outro ponto relativo à formação que queremos aqui abordar, se refere à exigência do capital para com o trabalhador no sentido deste se manter “atualizado” para se inserir ou permanecer inserido no mercado de trabalho. Ao serem questionados sobre as principais dificuldades para conseguirem participar de cursos ou eventos científicos, obtivemos como respostas, dois pontos principais: a) baixos salários, o que torna a questão financeira uma das grandes dificuldades de participação nesses eventos, tendo sido apontada por 7 dos 10 entrevistados; b) dificuldade de se afastar dos empregos, também citada entre 7 dos 10 entrevistados.

Isso demonstra outra grande contradição do capital: ao mesmo tempo em que este exige dos trabalhadores uma constante busca

pela formação, para adquirirem as competências necessárias ao trabalho polivalente hoje em voga, dificulta, de diferentes maneiras, a participação dos mesmos nos congressos e eventos científicos. Essa dificuldade pode ser expressa, pelo desemprego no qual tais professores não possuem condições financeiras para participarem dos eventos; através do emprego com baixos salários, que, como colocam os entrevistados acima, também impossibilitam a participação; e, pode ser expressa pelo subemprego onde o trabalhador tem grandes dificuldades de conseguir liberação do trabalho para participar desses eventos.

O interessante, e preocupante, é que o capital conseguiu, mesmo com essa contradição, culpabilizar os indivíduos e difundir esse seu ideário de tal maneira que os próprios trabalhadores acreditem e repitam o mesmo. Diante disso, embora os entrevistados apontem para as dificuldades que possuem para participarem de eventos da área, percebem isso como sendo natural, não questionam essa estrutura perversa que, de um lado cobra uma constante formação e, de outro, não fornece as condições objetivas para que isso possa ser realizado.

O mais grave é que além de não questionarem, alguns trabalhadores, como coloca o Ent. 09, reproduzem nos mesmos termos

dos capitalistas as cobranças feitas aos trabalhadores:

Cabe ao profissional se qualificar mais para atuar nessa área e realmente se encaixar no que o mercado está pedindo.

Entendemos que a fala acima, bem como o não questionamento por parte dos professores entrevistados se dá pelo que Marx e Engels já colocaram no Manifesto do Partido Comunista: “As idéias dominantes de uma época sempre foram apenas às idéias da classe dominante” (2003, p. 65), ou seja, o que ocorre é uma reprodução de tais ideias, do senso comum difundido por aquela classe, que quer fazer acreditar que o problema do desemprego é meramente uma questão de qualificação, da não aquisição de competências por parte dos trabalhadores para enfrentarem as novas exigências de empreendedorismo colocadas em pauta pela reestruturação produtiva, e não um problema estrutural da sociedade capitalista.

Conseguimos levantar outros elementos em nossas entrevistas, porém não é possível abordar todos neste artigo por questão de espaço. Entretanto, entendemos que com os elementos acima apresentados, podemos ter uma noção, a partir dos dados coletados no plano

empírico, de como vem ocorrendo, na prática concreta, as mediações das mudanças do mundo do trabalho na Educação Física.

## Conclusão

Ao realizarmos a síntese das mediações das mudanças do mundo do trabalho na Educação Física, podemos apontar para o fato de que nossa área vem sofrendo diversas implicações destas mudanças no mundo do trabalho em geral, que, por sua vez, são mudanças impulsionadas pela crise estrutural do capital como medidas para recompor suas taxas de lucro.

Esta lógica é perversa para a classe trabalhadora, pois se sustenta na retirada de direitos trabalhistas conquistados historicamente, através de lutas sociais. Tal retirada ocorre através da reestruturação produtiva, com a implantação da produção flexível, que exige a formação de um trabalhador de novo tipo e, da ampliação do setor de serviços, lócus de trabalho precarizado.

As implicações deste processo na Educação Física ocorrem em diferentes âmbitos, o que pode ser observado neste artigo, tanto quando nos referimos a estudos realizados anteriormente ao nosso, quanto a partir da análise dos dados coletados através de entrevistas semi-estruturadas no município

de Pelotas-RS. Tais implicações vão desde a perda da centralidade desta disciplina para o projeto educacional dominante, de maneira imediata, por causa da mudança no perfil do trabalhador a ser formado, passando pela utilização desta disciplina como um diferencial nas escolas particulares.

Passa ainda, pela ampliação de um mercado de prestação de serviços, terceirizado e precário, com poucos direitos trabalhistas, que se concentra na lógica da privatização e da mercadorização dos conteúdos da Cultura Corporal, seguindo a perspectiva neoliberal. Passa, também, pela perspectiva defendida pelo CONFEF, de formação fragmentada, que vem a atender as demandas colocadas pelo capital para a formação do trabalhador empreendedor, que deve ser capaz de refletir sobre sua prática para conseguir competir e assim, se sobressair aos outros trabalhadores para vender sua força de trabalho. Em outros termos, uma formação que possui o objetivo de adequar o trabalhador ao mundo do trabalho cada vez mais precarizado, sem oferecer instrumentos para o mesmo compreender e questionar tal condição.

Não concordamos com esse “assalto às consciências e amoldamento subjetivo” (TAFFAREL, 2001, p. 47) que vem sendo imposto aos trabalhadores em geral e, de

maneira particular, aos professores de Educação Física através desta formação fragmentada, que dificulta a compreensão da totalidade das relações que envolvem a área, atendendo assim aos interesses do avanço das forças destrutivas do imperialismo.

Defendemos sim, uma formação pautada em uma concepção que busque colaborar na ruptura radical com a formação social capitalista, pois entendemos que esse é o principal desafio do século XXI, já explicitado por Mészáros (2003), de modo que: ou avançamos na ofensiva contra o capital e rumo ao socialismo, ou ocorrerá uma acentuação rumo à barbárie e a impossibilidade de existência de vida na terra.

Portanto, reivindicamos, em concordância com os estudantes que se articulam no MEEF, através de sua legítima entidade representativa, a ExNEEF, uma formação que aponte para a superação tanto desta formação, quanto desse modo de produção. Uma formação que dê subsídios práticos para que os trabalhadores da Educação Física consigam se organizar para este fim.

Assim, esperamos com esse artigo ter contribuído para a compreensão e aprofundamento do debate em torno das mudanças no mundo do trabalho e suas mediações na Educação Física.

Almejamos que o mesmo possa servir como instrumento na luta por melhores condições de trabalho, o que em última instância, coloca em pauta a necessidade da luta pela superação do que explora, do que oprime os trabalhadores e, do que destrói a natureza, ou seja, a luta contra o capital e a busca de sua superação, de modo que, como coloca Engels, por fim, os homens sejam donos “de sua própria existência social, tornam-se senhores da natureza, senhores de si mesmos, Homens livres” (2008, p. 126).

## Referencias

- ANTUNES, Ricardo (org.). **A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 1 ed, 7 reimpressão. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. 2 ed. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

- FRIGOTTO, Gaudêncio. O Enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 7 ed, São Paulo, Cortez Editora, 2001 (p. 69-90).
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro 1, v. 1, 13 ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1989.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- MÉSZÁROS, István. **O século XXI: socialismo ou barbárie**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.
- NOZAKI, Hajime Takeuchi. **Educação Física e reordenamento no mundo do trabalho: mediações da regulamentação da profissão**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFF, 2004.
- TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. **A formação profissional da educação: o processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no curso de Educação Física**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1993.
- \_\_\_\_\_. A carta de carpina. Educação Física – novos compromissos: pedagogia, movimento, miséria. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Vol. 23, n.1, p. 41-54, set. 2001.

---

#### ABSTRACT

This paper deals with changes in the working world after the crisis of the 1970s and their mediations in Physical Education. Therefore, elements of studies and empirical research in the field show that working conditions and training for teachers who are subject area before the new demands of capital. We conclude by showing the character to adapt to the needs of capital that the training has been promoting the area and pointed to a formation based on a critical bias the capitalist mode of production and the need to overcome it.

**Keywords:** working world. Physical Education. Crisis of capital.

---

Recebido: fevereiro/2011

Aprovado: junho/2011.